

Descortinando o Invisível pelo Olhar de Eliane Brum: Análise das Obras “A vida que ninguém vê” e “O Olho da Rua”¹

Ana Resende QUADROS²

Jairo Faria MENDES³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

Resumo

Esse artigo buscou identificar as características únicas do olhar da jornalista Elaine Brum tanto na escolha de suas pautas quanto de seus entrevistados. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca da relação entre jornalismo e literatura ao longo da história e as características do Jornalismo Literário e do Novo Jornalismo. As obras escolhidas para a análise foram “A vida que ninguém vê” e “O olho da rua”, de Eliane Brum. A partir das averiguações feitas, essa pesquisa procura oferecer aos atuais e futuros jornalistas uma opção mais humanizada de se exercer a profissão, dando lugar àqueles que são invisíveis para a mídia tradicional.

Palavras-chave: jornalismo literário; novo-jornalismo; Eliane Brum.

Introdução

Essa pesquisa dedicou-se ao estudo da narrativa da jornalista Eliane Brum com o intuito de compreender sua maneira humanizada de fazer jornalismo, retratando o cidadão comum, o excluído social e economicamente. Para tanto, foi preciso identificar as especificidades do texto da repórter e analisar o seu olhar sobre aqueles que são invisíveis à mídia. Espera-se contribuir, assim, para a compreensão e a reflexão sobre a importância da realização de um jornalismo mais voltado para o social.

Antes de analisar a obra de Brum foi preciso fazer uma pesquisa bibliográfica sobre a relação entre jornalismo e literatura, sobre Jornalismo Literário e sobre a própria jornalista. Depois de estabelecida essa base, foi feita uma análise dos textos de dois livros de Eliane Brum nos quais os personagens retratados fazem parte de grupos

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSJ, e-mail: anarquadros@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSJ, e-mail: jairo.faria@hotmail.com

marginalizados e esquecidos pela mídia tradicional: *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008).

Este trabalho é uma viagem pelo olhar de Eliane Brum. Este olhar, uma de suas principais assinaturas, permite ao leitor uma visão amplificada do tópico abordado nas reportagens e oferece-lhe a sensação de fazer parte da história contada pela jornalista de forma humanizada. Tudo isso com uma forte presença da literatura.

1. Jornalismo e Literatura

Jornalismo e literatura contaram com mais aproximações do que divergências. Em suas origens, o jornalismo era considerado um ramo literário. Na França do século XIX, a imprensa era fortemente ligada ao debate político, privilegiando-se a doutrinação e a opinião (BULHÕES, 2007). Tais características se alteraram com a chegada, no fim do século XIX e início do século XX, do modelo americano, para o qual o jornalismo deve pautar-se pela objetividade e pela lógica do mercado, assumindo o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é. Para atingir esses objetivos, os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (BULHÕES, 2007, p. 23).

Um exemplo da comunhão entre jornalismo e literatura é a crônica. Ao longo da história houve um debate constante para decidir se crônica seria um gênero literário ou jornalístico, chegando-se a conclusão de que ela faz parte dos dois campos. Segundo Melo (1985), a definição desse gênero diverge de país para país. No Brasil, essa forma de se escrever surgiu com os folhetins. Tida como um espaço semanal reservado pelos jornais ao registro dos acontecimentos, a crônica foi passando por transformações ao longo dos anos. De acordo com Melo, “[...] a crônica moderna gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia a produção jornalística” (MELO, 1985, p. 115). Embora a crônica seja veiculada nos jornais, o cronista é o mais livre no ambiente da redação, uma vez que sua atividade não está sujeita à pressão dos acontecimentos urgentes, além de ter a possibilidade de escrever da maneira como quiser, usando de atributos literários em pleno jornal diário.

1.1 Jornalismo Literário

Aos textos que unem características da literatura e do jornalismo foi dado o nome de Jornalismo Literário. Segundo Pena (2013), o gênero volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta, mantendo sempre a abordagem ética. Os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalista literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum. Além disso, o texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

1.2 Jornalismo Literário no Brasil

No Brasil, o modo francês de se fazer jornalismo predominou do século XVIII ao início do século XX, caracterizando-se por forte debate político. A transição do século XIX para o XX representou um momento de grandes transformações para o jornalismo feito no Brasil. Com o fim da monarquia e o desejo de modernização do país, nossos jornais passaram a ter caráter mais comercial, distanciando-se da doutrinação política e aproximando-se do jornalismo americano.

A primeira experiência com a maneira “moderna” de se fazer jornalismo é creditada a João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto. Para o historiador Brito Broca,

João do Rio foi o primeiro cronista a sair do ambiente da redação para apurar os fatos na rua, transformando a crônica em reportagem. Rozendo e Mega (2014) contam que João do Rio via os excluídos de maneira diferenciada, expondo seus sentimentos e pontos de vista.

A Revista Realidade, lançada em 1966, foi outro foco de resistência da literatura no jornalismo. Em plena época de censura imposta pela Ditadura Militar, a Realidade foi capaz, em extensas e bem escritas reportagens, de abordar temas considerados tabus de forma inovadora, influenciando muito o comportamento atual, como o divórcio e a liberdade sexual.

Outro diferencial da Realidade era seu público leitor, que congregava homens, mulheres e jovens, que precisavam reservar a revista na banca, pois os primeiros exemplares sempre se esgotavam logo. Nos primeiros quatro meses a venda nas bancas subiu de 250 mil exemplares para 450 mil (MARÃO, 2010).

1.3 Novo jornalismo

Se por um lado foram os americanos os responsáveis por afastar jornalismo e literatura, foram também eles a estreitarem o contato entre as duas áreas através do chamado New Journalism, ou Novo Jornalismo. Esse gênero, que se tornou um dos mais populares do Jornalismo Literário, surgiu no princípio da década de 1960, nos Estados Unidos, com as reportagens especiais publicadas na Esquire e no Herald Tribune. O Novo Jornalismo, que só recebeu esse nome em meados da década de 1960, não possuía, até Wolfe escrevê-lo em 1973, um manifesto de princípios. Contudo, seus precursores, como Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, tinham um diferencial em seus textos: a profundidade. Essa nova forma de se fazer jornalismo pode ser vista como uma reação ao jornalismo pasteurizado, de produção quase industrial.

Em seus retratos da realidade, os “novos-jornalistas” registravam minuciosamente os gestos, costumes e hábitos de seus personagens, além de descreverem cuidadosamente os espaços e narrarem os pensamentos das pessoas retratadas. Por todo esse detalhamento, os adeptos da nova técnica foram chamados de “parajornalistas”, acusados de inventarem grande parte de seus textos. Somando isso à maneira extravagante que alguns, como Wolfe, escreviam seus textos, fizeram dos romancistas e literatos os maiores opositores do New Journalism (BULHÕES, 2007).

Curiosamente, foi o livro de Truman Capote, intitulado *A Sangue Frio* (1965), o responsável pela popularização do Novo Jornalismo. Capote fez a aproximação entre jornalismo e literatura da maneira inversa. Ao invés de usar técnicas literárias no texto jornalístico, ele escreveu um romance com técnicas do jornalismo. Seu trabalho foi resultado de cinco anos de pesquisas e entrevistas para contar a história de dois homens que assassinaram uma família do Kansas. *A Sangue Frio*, assim como os textos dos “novos-jornalistas”, é repleto de detalhamento dos personagens.

Atualmente, o movimento que liga jornalismo e literatura é o New Journalism, liderado por Gay Talese e John McPhee. Sem se preocuparem com manifestos ou cartas que explicitem seus princípios, os autores desse gênero se identificam por meio de suas estratégias de apuração, não por uma linguagem pré-determinada.

O Novo Jornalismo Novo, como é chamado no Brasil, se preocupa com aqueles que não são vistos pela grande mídia, retratando o cotidiano, as subculturas, o linguajar dos personagens e distanciando-se do extraordinário. “O objetivo é assumir o perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2013, p.60).

2. Eliane Brum

Pupila do Novo Jornalismo, Eliane Brum é, atualmente, uma das “jornalistas literárias” mais respeitadas do Brasil. Por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho Zero Hora, para o qual escreveu os textos que deram origem ao livro *A Vida Que Ninguém Vê*. Durante 10 anos, Eliane foi repórter especial da Revista Época, em São Paulo. A partir de 2010, ela passou a atuar como freelancer e, desde 2013, assina uma coluna quinzenal no site do jornal global El País. Ao longo de sua carreira, Brum escreveu seis livros, sendo cinco deles de não ficção. Como jornalista, ela recebeu mais de 40 prêmios, entre eles: Esso e o prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem de 2007.

Dona de um olhar ousado que enxerga o invisível aos olhos comuns, Eliane Brum faz reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. Segundo Brum (2006, p. 187), “o que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia*”.

2.1 Aos Olhos Dos Outros

Os diferenciais de Brum já foram percebidos por outros estudiosos. Rozendo e Melo (2014) apontam três regras seguidas por Eliane Brum. A primeira delas seria a jornalista estar tomada pelo assunto sobre o qual escreve. A segunda é buscar um novo ângulo para um tema velho ou descobrir algo sobre o qual nunca foi dito nada. Por fim, Eliane Brum estuda o assunto sobre o qual vai escrever. Rozendo e Maia acrescentam ainda uma regra que não é mencionada pela jornalista: colocar-se no lugar do outro.

Mais inovador ainda é falar do outro usando o eu. Para Fonseca (2013), Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo. Segundo a autora, no jornalismo tradicional, a subjetividade é desprezada desde a escolha da pauta à escrita da matéria, pois é apenas com a objetividade e a imparcialidade que se transmitem os fatos. Somente o extraordinário é digno de estar nas páginas dos jornais. Não há espaço para as pessoas comuns e seus “desacontecimentos”. Entretanto, a subjetividade e a parcialidade estão presentes nas escolhas dos jornalistas. Quando escolhem um tema e não outro e mesmo quando escrevem de forma impessoal, na terceira pessoa, o subjetivo é apenas mascarado (FONSECA, 2013).

Já Eliane Brum não esconde sua parcialidade. Muitas vezes, utilizando a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo, Brum dá voz ao outro por meio de seu olhar, tornando-se testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Para Fonseca (2013), a reportagem de Brum, como nos relatos dos historiadores pós-modernos, descreve os espaços, os objetos, os personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”.

2.2 Ao Seu Olhar

O olhar incomum de Eliane Brum desperta a curiosidade de acadêmicos e jornalistas. Brum, contudo, afirma que segue a lei: “jornalista não tem direito de ser ingênuo” (BRUM, 2006, p. 195). Seguindo essa norma, Brum passa a desconfiar dos heróis e só acha graça neles quando se aproximam do humano. O olhar de Eliane Brum,

por não ser ingênuo, é capaz de ver o extraordinário no ordinário e o comum no incomum. Para ela, todo Zé é Ulisses e todo Ulisses é Zé.

O diferencial de Brum está no olhar, capaz de mudar o foco e perceber o que ninguém mais percebe. Ela explica ainda que, antes de se enxergar o extraordinário nos outros, precisa-se vê-lo em si mesmo. “Quem é capaz de olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro” (BRUM, 2006, p. 188).

O olhar que enxerga o “invisível” é, segundo Brum (2008), mediado por amor e compaixão pelo outro. A jornalista é capaz de ver as fraturas de seus personagens e também a capacidade de cada um deles de se reinventar e de dar significado a sua vida. Por respeitar o olhar do outro e se preencher da realidade de seus personagens, Brum (2008) acredita que a fala dos entrevistados não deve ser alterada:

Para mim “melhorar a fala” já é uma fraude. Nós trabalhamos com palavras. O que as pessoas contam, como contam. Colocar um sinônimo, nas aspas do entrevistado, já é traí-lo (BRUM, 2008, p. 239).

Preocupada em mostrar ao leitor o máximo da realidade, o texto de Eliane Brum é rico em detalhes, para que os leitores possam tomar suas próprias conclusões e fazer suas próprias escolhas, sem se basear apenas na visão da autora sobre a realidade. Ela busca pelo complicado, pois, segundo Brum (2008), o fácil é óbvio e, por essa razão, já foi contado antes.

Entretanto, para conseguir realizar matérias complexas e detalhadas, é preciso uma apuração exaustiva.

Eu costumo empurrar a mim mesma, ainda que esteja bem cansada, para buscar outra fonte, checar um local onde ainda não passei, procurar mais alguma coisa. Tento conseguir o maior número de informações e detalhes até o limite do tempo (BRUM, 2008, p. 238).

Além do olhar para perceber o outro, Eliane Brum conta com outro diferencial, a escuta. Ela explica que a reportagem é um encontro entre jornalista e personagem e, por essa razão, não existe história arrancada. Sua técnica de entrevista é ouvir o que o entrevistado tem a dizer.

Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, escutar de verdade, sem preconceitos. E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança (BRUM, 2008, p. 151).

Ainda que Elaine Brum faça um árduo trabalho de apuração, detalhando tudo que viu e ouviu, mesmo que reproduza, em seus textos, a fala de seus personagens da mesma maneira como foram ditas, a jornalista reconhece que não é imparcial. Para ela,

os ideais de objetividade e isenção jamais poderão ser atingidos. Ressalta ainda que essa incapacidade deve ficar clara para que o trabalho tenha maior honestidade.

A jornalista diz escrever para aqueles que “gostam de histórias tão reais que parecem inventadas” (BRUM, 2008, p. 15), mas também deseja que seu olhar desperte o interesse dos estudantes de jornalismo que buscam a melhor maneira de exercer a profissão.

2.3 Os Livros

A história do olhar de Eliane Brum não é recente. Desde 1993, a repórter mostrava-se capaz de enxergar lados que costumam passar despercebidos. Naquele ano, ela percorreu os 25 mil quilômetros da Coluna Prestes para contar a história do “povo do caminho”, que testemunhou a passagem dos integrantes do movimento. Essa história foi documentada em seu primeiro livro, *Coluna Prestes: o avesso da lenda*, publicado em 1994.

Em 2006, 23 dos 46 textos, publicados originalmente na coluna *A vida que ninguém vê*, entre 1998 e 1999, no jornal Zero Hora, foram reeditados em livro. Marcelo Rech (in BRUM, 2006), no prefácio do livro, acredita que esses escritos, que transitam entre reportagens, crônicas e colunas, provam que, em jornalismo, também existem histórias que partem do ordinário.

Em poucas páginas, ela nos conta histórias como a do Adail, um carregador de malas do aeroporto que passou 36 anos sem conseguir voar, mas depois de aparecer na coluna de Eliane Brum, pode realizar seu sonho. Brum é capaz de perceber o olhar brilhante de Dona Maria, que quis por toda vida descobrir a mágica das letras. Ela, “que ainda nem era dona”, aguentou as surras de Gomercindo, seu marido, para educar os dez filhos. Apenas após se tornar viúva é que Dona Maria pode ir para uma cidade próxima a Porto Alegre para realizar seu sonho. Mesmo assim, as letras não se revelaram com facilidade. Por três vezes as professoras desistiram de ensinar-lhe o ABC. Na quarta tentativa, a professora Neiva Rosa não partiu e foi com ela que Dona Maria aprendeu que “as letras tem vida”.

Em *O Olho da Rua*, Brum segue a mesma linha humanizada ao longo de dez reportagens com personagens inesperados. O livro segue o curso de uma vida, nascendo com as parteiras do Amapá, que preservam a tradição ancestral de “pegar menino” com muita delicadeza e destreza. “Trata-se, enfim, de um exercício de reportagem e de

humanidade. Eliane adentra cada lugar como único – como se fosse sempre a primeira vez a realizar a entrevista” (PAVAN, 2009, p.2). E se encerra com a narrativa dos últimos 115 dias de vida de Ailce de Oliveira Souza, paciente terminal de câncer que recebia tratamento na Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor. Ao longo desta experiência contada de maneira extremamente sensível, Eliane Brum descobre que “a morte é um parto do lado avesso. E na Enfermaria são todas parteiras que, em vez de esperar o tempo de nascer, respeitam o tempo de morrer” (BRUM, 2008, p. 374).

Entre o início e o fim, o nascimento e a morte, Eliane Brum narra a vida de pessoas excluídas, assim como Hustene Alves Pereira, o homem-estatística. Hustene, mais conhecido como Pankinca, estava desempregado, como muitos outros em 2002. Ao receber a pauta sobre pobreza, Brum buscou uma perspectiva que não fora vista anteriormente. Foi assim que ela conheceu esse homem, filho de retirantes, que perdeu o emprego, mas não perdeu o orgulho nem a fé em sua trindade (Corinthians, Che Guevera e Nossa Senhora de Fátima).

Diferente de *A vida que ninguém vê*, nem sempre as reportagens de *O olho da rua* são sobre temas que nunca ninguém falou. O diferencial é que Brum vê temas amplamente debatidos, como o desemprego, o tráfico, o garimpo, a favela sobre outra perspectiva, essa sim, inteiramente nova.

3. Um Olhar Sobre O Invisível

Eliane Brum é famosa por seu olhar sobre fatos e pessoas que geralmente não seriam trazidos aos jornais. Com o objetivo de analisar essa visão peculiar foram selecionados os livros “A vida que ninguém vê” (2006) e “O olho da rua” (2008). Nessas obras, foi observado se as reportagens se passavam no interior ou em metrópoles; que tipo de fontes foram utilizadas; qual o gênero das fontes; a sua faixa etária e classe social.

Em “A vida que ninguém vê”, as 23 reportagens se passam no Rio Grande do Sul e mais se assemelham a perfis que relatam quem são cada um dos personagens. Por essa razão, nesse livro não foram analisadas as fontes utilizadas que, muitas vezes, nem têm seus nomes citados, mas sim, os personagens que são apresentados.

Três dos textos do livro contam a história de personagens não humanos. Em “O cativo”, conhecemos Alemão, o macaco que fugiu do zoológico para tomar cerveja.

Em “O conde decaído”, Eliane Brum nos explica que nada é eterno, nem para o conde que ganhou estátua inaugurada pela própria princesa Isabel, e que hoje não é ninguém. “O álbum” também virou personagem, permitindo apenas supor sobre a vida de pessoas que entram e saem de suas páginas sem lógica ou explicação.

Alguns personagens de carne e osso de Eliane Brum tiveram a honra de aparecer duas vezes no livro. É assim com Adail, o carregador de malas do aeroporto que só voou quando a reportagem de Eliane divulgou sua história. Seu dia de “doutor”, voando para Aparecida do Norte, acabou ganhando mais uma vez a coluna da jornalista no Zero Hora. Da mesma forma, Antônio, que já havia sido personagem quando perdeu seu filho recém-nascido, voltou às páginas do jornal com um relato mais triste. Além do filho, ele também enterrara a esposa. A retomada do caso de Antônio é a única reportagem deste livro que conta com fontes tradicionais, aquelas que geralmente encontramos no jornalismo.

Ao todo, 21 personagens humanos são retratados em “A vida que ninguém vê”, 68% deles são homens, 81% vivem na região metropolitana de Porto Alegre, 42% já passaram dos 60 anos de idade e 84% são pobres.

Nessa obra, a pobreza é a personagem principal, é o invisível que Eliane Brum enxerga. No centro de Porto Alegre, ela vê Sapo, que há 30 dos seus 65 anos passa os dias com a barriga deitada nas pedras da rua pedindo dinheiro. No mar de pernas, que é o mundo de baixo para cima, ele vê o que não devia, sem que ninguém o veja.

Por vezes, a pobreza é somada a outras invisibilidades. Eva é mulher, negra, pobre, tem paralisia e luta contra as almas deformadas. Aos nove anos foi para a escola e segurou a mão direita com a esquerda para escrever palavras molhadas com o sangue de suas feridas. Aos 17, mudou-se de casa, começou a trabalhar como empregada doméstica e, com um esforço sobre-humano concluiu a universidade. Conseguiu emprego em três escolas, mas foi demitida quando perceberam que Eva se recusava a ser coitada. Foi aprovada em concurso público e impedida de assumir o cargo porque o neurologista teve receio de suas mãos trêmulas. Mesmo tendo voltado a ser empregada doméstica, Eva nunca deixará de lutar contra os preconceituosos de alma deformada.

Em “A vida que ninguém vê”, Eliane Brum também dá espaço aos jovens, como o menino Leandro que descobriu ter nascido do lado errado da cidade ao ser atropelado por um carro. Ele poderia não ter perdido o movimento dos braços e das pernas caso fizesse fisioterapia todos os dias, mas o médico disse que não havia nada a ser feito. Foi

seu pai que improvisou uma fisioterapia com cano de PVC e garrafa PET para que Leandro voltasse a abrir as mãos.

Para Camila não tem mais volta. Cabia a ela trazer comida para a mesa de sua família vendendo balas no sinal. Vendo-se rodeada de tantos outros como ela, Camila inventou versinhos para que os “tios lindos” e “tias lindas” baixassem suas barreiras de vidro no sinal vermelho. Foi tentando fugir da Febem, onde fora colocada pela terceira vez, que Camila perdeu sua vida. Ela tinha dez anos.

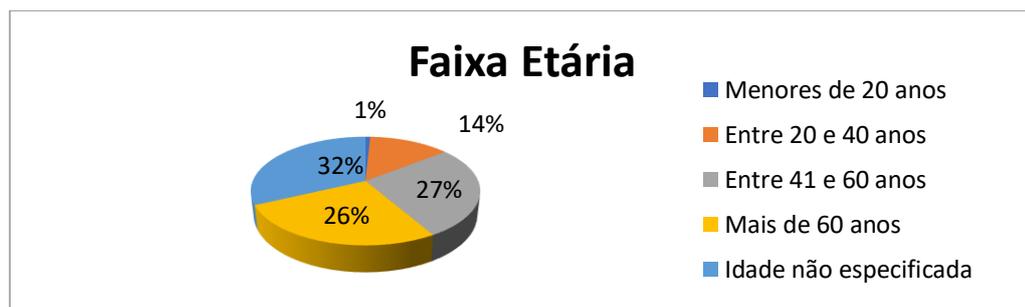
Camila morreu. Você, e eu também, somos cúmplices de sua morte. Nós todos a assassinamos. A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que você vai fazer? (BRUM, 2006, p.128).

Em todas as reportagens Eliane Brum faz com que o leitor reflita sobre o invisível que lhe é exposto. A jornalista apresenta realidades duras, nem sempre detalhando a idade ou mesmo o nome dos personagens. A reflexão, contudo, está sempre presente, seja ela explícita ou nas entrelinhas.

O mesmo acontece em “O olho da rua”. O estilo das reportagens muda. São mais longas e com muito mais fontes. Elas se passam em quatro das cinco regiões brasileiras. Apenas o Sul não é contemplado. Sudeste e Norte são os que mais aparecem, seis e quatro vezes, respectivamente.

Desta vez, as mulheres são maioria, 57%. Elas começam o livro, através das parteiras, o encerram, com Ailce, e o recheiam com as mães do tráfico que sobrevivem a seus filhos. Sabemos que são pobres e Brum nem sempre se incomoda em nos contar suas idades. O que importa é sua dor. “Nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua” (BRUM, 2008, p. 205).

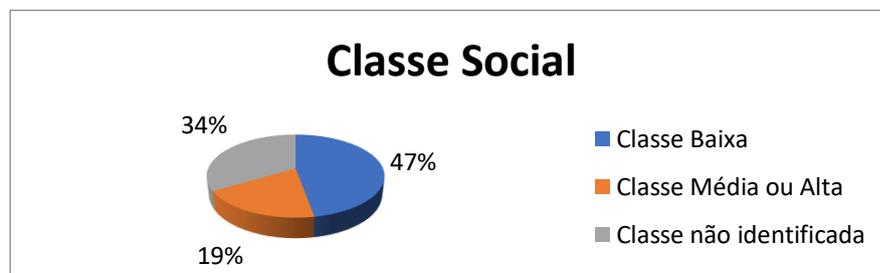
Não são apenas das mães que Eliane não menciona idade. Ao todo, os personagens sem idade especificada somam 32%, número maior do que das outras categorias.



Fonte: BRUM, Eliane. O olho da rua. 2008.

Muitas das fontes com mais de 60 anos se concentram na “Casa de velhos”, lugar que é o último endereço de suas vidas. Onde estão seguros do mundo de “lá fora”, porque não fazem mais parte dele. Não estão repousando, como se costuma dizer, é o mundo que não os quer mais e os confina em um lugar onde o pretérito é o único tempo verbal.

A “Casa São Luiz para a Velhice” é um mundo regido pelo horário das refeições, que abriga pobres e ricos, mas incapaz de apagar as diferenças entre eles. Nem mesmo a refeição une as classes. Os ricos não suportam a voracidade e a pressa daqueles que nem sempre tiveram a refeição como certa.



Fonte: BRUM, Eliane. O olho da rua. 2008.

Mais uma vez, a pobreza ganha destaque: 47% das 125 fontes pertencem à classe baixa. Esse número pode até ser maior, já que não foi possível identificar a classe de 34% das fontes. Como acontece com a faixa etária, a “Casa de velhos” também contribuiu para o percentual de fontes pertencentes à classe média ou alta. Somente nessa reportagem foram contabilizadas 28 fontes.

Assim como em “A vida que ninguém vê”, Eliane Brum trata a pobreza de forma diferenciada. Quando visita a Brasilândia, ela não faz uma reportagem sobre miséria e violência, como se vê no jornalismo tradicional. Ao olhar e ouvir o que suas fontes tinham a lhe dizer sem esperar nada, Brum percebeu que a vida na “Brasa” só era possível por causa da delicadeza. A jornalista não usa a solidariedade, por exemplo, como uma espécie de compensação da miséria. Pelo contrário, Eliane Brum desmente o mito de uma favela homogênea. Ela revela que também nas vilas há distinção social. A honestidade também é tema desta reportagem. Mas a honestidade pautada pela regra de não perguntar, como Tuca não pergunta como suas fornecedoras conseguiram o

perfume importado ou de onde vem o dinheiro daqueles que compram o produto dela. Em sua reportagem, Eliane Brum prova que: “Quem julga rápido demais – no jornalismo, no tribunal ou na vida – julga errado” (BRUM, 2008, p. 305).

Se os temas e abordagens de suas reportagens não são ordinários, assim também não são suas fontes. A seleção das fontes feita por Eliane Brum é tão divergente do que é visto no noticiário regular que não foi possível encontrar uma categorização na qual os personagens da jornalista se encaixassem. Por essa razão, para esta pesquisa foram criadas duas categorias de fontes: as tradicionais e as alternativas.

Na primeira, podem ser enquadrados os especialistas, representantes de organizações públicas e privadas, além de pessoas reconhecidas por sua notoriedade. Já no segundo tipo estão pessoas anônimas que, de alguma forma, relacionam-se ao assunto reportado, indo das prostitutas que trabalham no garimpo do Zé Capeta, na reportagem “Coração de Ouro”, passando pelas mães do tráfico, pelas parteiras da floresta e pelos moradores de Roraima. A repórter busca a perspectiva de quem está vivendo a realidade por ela retratada, não de especialistas. Para seus textos, Eliane escuta o cidadão comum, como é possível ver no gráfico abaixo:



Fonte: BRUM, Eliane. O olho da rua. 2008.

Na nona reportagem de “O olho da rua”, Elaine Brum se torna a 126ª fonte de seu livro. Ao aceitar a pauta sobre a meditação vipássana, a repórter foi levada ao interior do município de Miguel Pereira, no Rio de Janeiro. Esse era o ponto de partida para a viagem pelo interior dela mesma durante a qual não era permitido nem falar, nem olhar seus companheiros, nem matar nenhum tipo de ser vivo, nem fazer sexo, nem usar drogas ou medicamentos.

Para Eliane Brum, que sempre seguiu a regra: “quando jornalista é mais importante que a notícia, um dos dois não é verdadeiro”, foi difícil escrever um texto em primeira pessoa. Contudo, ao fim de sua jornada, ela conclui que até o “eu” pode ser uma fonte, desde que usado nas situações adequadas.

[...] o “eu” tem sua hora e lugar. Não tenho paciência para jornalista autorreferente – nem vejo razão para um jornalista dizer que tomou café com fulano, se esta for toda a informação. Acredito que repórter tem licença para entrar na história se sua participação puder revelar mais do outro – e não de si mesmo (BRUM, 2008, p. 349).

Considerações Finais

Eliane Brum é, atualmente, uma das repórteres mais respeitadas do Brasil. Esse reconhecimento se deve ao tipo diferente de reportagem que ela escreve. Sua pauta é a vida normal de gente comum, provando que o ordinário também pode aparecer no jornal e despertar o interesse dos leitores.

A jornalista trata suas fontes de maneira mais humana e, em seu processo de apuração e escrita, esvazia-se de si para preencher-se do outro. O outro cujo fator de exclusão pode ser a deficiência, a idade, o gênero, a região que habita ou, como acontece na maioria das reportagens, a pobreza.

Entretanto, acima de todos esses fatores, o que importa para Eliane Brum é mostrar o que não é visto, independente do que seja. A pobreza aparece no noticiário, mas não da forma que Brum nos faz ver. E quem nunca leu ou viu uma reportagem sobre a favela ou sobre o tráfico? Ainda assim, antes de Eliane Brum, não sabíamos que a delicadeza estava tão presente nas comunidades.

A forma de contar a história de pessoas comuns muda de “A vida que ninguém vê” para “O olho da rua”. No primeiro, acompanham-se as histórias de um “esquecido” por vez, em textos curtos que se confundem com crônicas. Já no segundo, as histórias, geralmente, não são de uma única pessoa, mas de uma comunidade, uma realidade geral, um lugar.

Brum deixa um ensinamento para todos os jornalistas. Em um mundo em que o costume é abusar das tecnologias para entrar em contato com as fontes e mesmo descobrir pautas, a repórter nos lembra da importância de ir às ruas e conversar com o povo. Eliane Brum nos faz ver com seus textos a essência do jornalismo: contribuir com a cidadania e retratar a realidade da maioria da população.

Eliane Brum nos prova nessas duas obras que tudo pode ser pauta: da história de uma estátua a uma viagem de autoconhecimento da própria jornalista. O que importa em todos os casos é enxergar além do tradicional, ouvir as histórias que todos têm a contar, mas que, por alguma razão, ninguém quer ouvir. A grande característica de Eliane Brum é ter um olhar sobre o invisível.

Referências

BIOGRAFIA. Eliane Brum desacontecimentos. Disponível em: <<http://desacontecimentos.com/biografia/>> Acesso em: 21 de agosto de 2015.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê.** Porto Alegre: Arquipélago, 2006. 204p.

BRUM, Eliane. **O Olho da rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008. 424p.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência.** São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista.** Santos, SP: Realejo Edições, 2010.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985. 166p.

PAVAN, Maria Angela. A arte da reportagem no livro “O Olho da Rua”, de Eliane Brum. **Bibliocom**, v. 2, nº 1, jan/fev., 2009. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1528/1506>> Acesso em: 15 de Julho de 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

ROZENDO, Suzana e MEGA, Vinícius Mizumoto. **A Humanização dos Relatos em João do Rio e Eliane Brum:** Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia “Mídia e Memórias do Autoritarismo” (GT 1 – História do Jornalismo), 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/a-humanizacao-dos-relatos-em-joao-do-rio-e-eliane-brum-observacao-e-consonancia-que-perpassam-o-tempo/view>> Acesso em 02 de agosto de 2016.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.